

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**



**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**Aceitação dos mitos da violência doméstica e as variáveis preditoras**

Ana Afonso Guerreiro

**Mestrado Psicologia Clínica e Saúde**

2.º Ciclo de estudos

---

2011

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**



**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

Dissertação de mestrado para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Clínica e da Saúde

**Aceitação dos mitos da violência doméstica e as variáveis preditoras**

Aluna:

Ana Afonso Guerreiro

N.º 38412

Tese orientada por:

Prof. Doutora Gabriela Gonçalves

# ACEITAÇÃO DOS MITOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS VARIÁVEIS PREDITORAS



«...em muitas sociedades, o direito masculino a dominar a mulher é considerado como a essência da masculinidade»  
Heise (1994)

---

## ÍNDICE GERAL

págs.

Agradecimentos.....	I
Dedicatória.....	II
Lista de Tabelas e Gráficos.....	III
Resumo.....	1
<i>Abstract</i> .....	2
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. INVESTIGAÇÃO TEÓRICA.....	8
3. INVESTIGAÇÃO EMPIRICA.....	21
3.1 Delimitação do Problema.....	22
3.2 Metodologia.....	24
3.2.1 População e Amostra.....	24
3.3 Procedimentos.....	26
3.4 Instrumentos.....	27
3.5 Resultados.....	32
3.6 Discussão dos resultados.....	44
4. CONCLUSÕES.....	50
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

## **ANEXOS:**

1. Termo de responsabilidade
2. Instrumento final
3. Tabelas de Habilitações literárias por gênero e rendimentos
4. Tabela de médias por estado civil nas variáveis: sexismo ambivalente (hostil e benevolente), amor romântico, cavalheirismo paternalista, aceitação dos mitos da violência doméstica e religiosidade.



## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar, o apoio, a paciência e o amor da minha família.

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram e incentivaram neste trabalho, entre eles  
velhos amigos(as) e novas amigas muito especiais.

Quero agradecer especialmente, à minha orientadora, Prof. Doutora Gabriela  
Gonçalves, pela sua mestria, pelos seus ensinamentos indeléveis e por me ter  
contagiado com o seu imenso entusiasmo.

Ao Prof. Doutor Jean-Christophe Giger, o meu muito obrigada por toda a  
colaboração e ensinamentos.

Agradeço a todos aqueles que preencheram o questionário desta  
investigação, presencialmente ou online, assim como, aos dirigentes de  
instituições e empresas que permitiram a aplicação dos mesmos. Sem todos eles,  
este trabalho não teria sido possível.

## **Dedicatória**

Dedico, em especial, este trabalho ao meu filho Guilherme, com Amor!

Este trabalho é dedicado também a todos aqueles com quem tive longas conversas,  
absolutamente deliciosas, sobre Amor, Sexismo e Violência doméstica.

**Resumo:** A investigação que desenvolvemos é um estudo correlacional de verificação de modelo, no qual se observa a relação entre o sexismo ambivalente, o cavalheirismo paternalista e o amor romântico e o papel destas variáveis como preditoras da aceitação dos mitos da violência doméstica. Foram inquiridos 183 indivíduos, de ambos os géneros em Portugal, presencialmente e através de um questionário online. Os nossos dados mostram uma relação positiva entre religiosidade e sexismo benevolente e cavalheirismo paternalista. Assim como, entre sexismo benevolente, cavalheirismo paternalista e amor romântico. O cavalheirismo paternalista relaciona-se positivamente também com o sexismo hostil. De acordo com as nossas expectativas, o cavalheirismo paternalista, o amor romântico e o sexismo hostil são preditores da aceitação dos mitos da violência doméstica. O modelo apresenta um bom ajustamento com um  $\chi^2 / 5 = 2.944$ ,  $p = .709$ ,  $GFI = .99$ ,  $CFI = 1.00$ ,  $RMSEA = .000$ .

Conceitos chave: mitos da violência doméstica, amor romântico, sexismo ambivalente (benevolente e hostil) e cavalheirismo paternalista.

## Domestic violence myths acceptance and the predictor variables

**Abstract:** The research we have developed is a correlational study of model verification, in which one observes the relationship between the ambivalent sexism, the paternalistic chivalry and the romantic love, and the role of these variables as predictors of the domestic violence myths acceptance. Were inquired 183 individuals, of both genders, in Portugal, presentially and through a online questionnaire. Our data show a positive relationship between religiosity and benevolent sexism and paternalistic chivalry. As well as between benevolent sexism, paternalistic chivalry and romantic love. The paternalistic chivalry also correlates positively with the hostile sexism. According to our expectations, paternalistic chivalry, romantic love and hostile sexism are predictors of the domestic violence myths acceptance. The model presents a good adaptation to the data observed with a chi-square = 2.944,  $p=.709$ ,  $GFI=.99$ ,  $CFI = 1.00$ ,  $RMSEA = .000$ .

Key concepts: Domestic violence myths, romantic love, ambivalent sexism (benevolent and hostile) and paternalistic chivalry.

## **1. INTRODUÇÃO**

Nas primitivas hordas nómadas, os homens e as mulheres viviam da caça e da pesca, integrados em grupo e desempenhavam papéis idênticos. Quando as populações passaram a viver sedentariamente e a viver da agricultura e pastorícia, os seus papéis começaram a diferenciar-se (Almeida, 1995). No Neolítico, período de sedentarização e início da agricultura, os modos de vida supunham uma organização social adaptada, com uma divisão dos papéis entre homens e mulheres (Vidal & Browaeys, 2006). Os homens passaram a ter uma missão social e a mulher uma missão doméstica e de procriação, fundamentada por diferenças biológicas (Almeida, 1995). As diferenças entre homens e mulheres, permitiu ao homem alcançar um papel de maior destaque e poder em relação à mulher. Este processo desenvolveu uma forma discriminação baseada no género da pessoa, o sexismo. A literatura inicialmente centrada numa perspectiva mais clássica, de avaliação negativa traduzida em crenças ou inferioridade em relação à mulher, foi enriquecida nos últimos anos com diversos trabalhos (*e.g.* Tougas *et al.*, 1995; Formiga *et al.*, 2002) em particular com o estudo de Glick e Fiske (1996) propondo que o sexismo é ambivalente, ou seja, coexiste no indivíduo através de duas formas: hostil e benevolente. Estas formas traduzem-se nas relações íntimas através do cavalheirismo paternalista, atitudes gentis e protectoras para com as mulheres, (Glick *et al.*, 2000). A mulher parece aceitar o sexismo benevolente, reforçando assim, o maior poder dos homens e ainda sentindo-se recompensada por isso na medida em que esse poder a protege (Ferreira, 2004). Por outro lado, a valorização do amor romântico incute na mulher o desejo de ser amada e protegida pelo “príncipe encantado”, romântico, cavalheiro, protector, mas em contrapartida hostil.

Pretendemos contribuir para compreender o fenómeno da violência doméstica e os valores culturais que lhe dão sustentabilidade. O nosso estudo é correlacional de verificação de modelo, com uma amostra de 183 participantes, de ambos os géneros em Portugal. No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos a investigação teórica sobre as variáveis em estudo, designadamente o sexismo ambivalente, cavalheirismo paternalista, amor romântico e aceitação dos mitos da violência doméstica. O segundo capítulo engloba a investigação empírica e discussão dos resultados. Neste capítulo descrevemos o problema de investigação, metodologia do estudo, descrição da amostra, procedimentos, instrumentos utilizados, resultados, verificação de modelo e discussão. No último capítulo apresentamos as nossas conclusões, onde de acordo com o nosso objectivo, observamos os preditores da aceitação dos mitos da violência doméstica.

Deste modo, de acordo com as nossas expectativas, observámos que o sexismo hostil, o amor romântico e o cavalheirismo paternalista predizem significativamente a aceitação dos mitos da violência doméstica. Esta questão reveste-se de primordial importância na medida em existem poucos estudos acerca dos preditores da aceitação dos mitos da violência doméstica (Giger *et al.* 2011).

Os mitos da violência são crenças, geralmente falsas, que servem para minimizar, negar ou justificar a violência doméstica (Peters, 2003), salientando-se que a violência

doméstica tem graves implicações na saúde, física e mental das pessoas (Giffin, 1994) e que apesar do avanço social e profissional das mulheres nos dias de hoje, a discriminação contra ela subsiste, manifestando-se contudo, de forma subtil (Formiga *et al.*, 2005). A violência doméstica, no relacionamento íntimo pode ser considerada como um factor de risco para a ocorrência de uma série de perturbações do foro psicológico ou físico, que originam um considerável agravamento na qualidade de vida das vítimas (Paiva & Figueiredo, 2003). Heise (1994) aponta um estudo do Banco Mundial onde consta que, nas economias de mercado consolidadas, 19% dos anos de vida perdidos por morte ou incapacitação física, por mulheres (dos 15 aos 44 anos de idade), são resultado da violência de género.

Por outro lado, o sexismo ambivalente constitui um problema no âmbito da igualdade de género (Formiga, Gouveia & Santos, 2001 *cit. in* Formiga *et al.*, 2005) e pode gerar sofrimento físico e psíquico, bem como, graves consequências sociais e económicas (Ferreira, 2004).

Saliente-se que, de acordo com Bleger (1977, *cit. in* Vaisberg, 2001) toda a existência humana é coexistência (social, cultural, etc.) e por conseguinte, é cada vez mais importante que os psicólogos clínicos avaliem não só o indivíduo mas também o colectivo (Vaisberg, 2001). A aceitação dos mitos da violência doméstica contribui para um problema de saúde social e em consequência individual.

De acordo com o Artigo 13.º da *Constituição Portuguesa* «Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei», independentemente do género de cada um. Ao nível internacional, a *Carta dos Direitos Fundamentais*, consagra a igualdade de mulheres e homens (artigo 23º) (*cit. in* «A Igualdade de género na legislação nacional e na União Europeia»). Apesar de proibido por lei, o sexismo permanece na sociedade, em maior ou menor grau, por todo o mundo, deixando de se apresentar directamente como discriminação à mulher mas assumindo formas subtis (Formiga *et al.*, 2002), designadamente através do sexismo ambivalente e das suas dimensões.

## **2. INVESTIGAÇÃO TEÓRICA**

### Sexismo ambivalente

O sexismo é definido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afectiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o género (Expósito *et al.* 1998, 1996; Glick & Fiske, 1996). A perspectiva clássica do sexismo é baseada unicamente nos sentimentos negativos dirigidos a um grupo, na maioria às mulheres. O construto proposto por Glick e Fiske (1996) destaca que o sexismo é ambivalente, coexistindo sentimentos positivos e negativos no indivíduo. Assim, o sexismo apresenta-se de duas formas: sexismo hostil e sexismo benevolente. O sexismo hostil manifesta-se através de uma forte antipatia contra a mulher e o benevolente através de sentimentos e condutas positivas em relação a esta, aparentemente não preconceituoso (Glick & Fiske, 1996). Homens e mulheres são vistos tanto de forma hostil como benevolente e essas atitudes são ambivalentes, as quais podem estar associadas às ideologias que as pessoas usam para justificar a estrutura de relações de género existente (Glick & Fiske, 1999).

De acordo com os valores de Hofstede (1980, *cit. in* Pina e Cunha & Rego, 2009) uma cultura mais feminina valoriza sobretudo características como o bem-estar e a qualidade do relacionamento interpessoal. Pelo que, o sexismo hostil e o sexismo benevolente estão relacionados negativamente com uma cultura mais feminina, ou seja, quanto mais feminino é um país menos sexista é, foi a conclusão de um estudo de Moya *et al.* (2007). O sexismo ambivalente e as crenças que justificam a desigualdade entre homens

e mulheres, relacionam-se com variáveis de natureza diferente, tais como o desenvolvimento do país, baixos níveis de feminilidade, maior colectivismo, distância do poder, menor respeito pelos direitos civis, maior taxa de fecundidade, valores, religiosidade e obediência (Moya *et al.*, 2007). Note-se que, em relação à religiosidade, os estudos, na sua maioria, têm-se centrado na religião católica e no grau de religiosidade (*e.g.* Moya *et al.* 2007; Giger *et al.*, 2011), limitando deste modo o estudo do impacto das diferentes religiões nas relações íntimas.

Por outro lado, Glick *et al.* (2000) argumentam que os componentes do sexismo hostil e benevolente estão presentes em diversas culturas. No seu estudo (Glick *et al.*, 2000) em 19 países observou que para além das componentes do sexismo hostil e benevolente se correlacionarem positivamente com a cultura, o sexismo benevolente dá força ao sexismo hostil e é seu complementar, contribuindo assim para a manutenção da desigualdade de género. Também Expósito e colegas (1998) consideram que o sexismo benevolente pode ser mais prejudicial que o sexismo hostil, na medida em que é usado para compensar e legitimar o sexismo hostil, dado que quem é sexista benevolente não se considera como tal e por isso a intervenção e luta contra esta forma de discriminação revela-se bem mais difícil. Outros estudos (*e.g.* Glick, Diebold, Bailey-Warner, & Zhu, 1997) mostraram que os indivíduos com maior índice de sexismo benevolente avaliam positivamente as mulheres que estejam em conformidade com os papéis tradicionais de género, papéis estes que conferem à mulher um comportamento tradicional, passivo, na relação, de obediência ao marido, lida da casa e educação dos filhos. As mulheres que não correspondem a este papel são alvo de avaliações negativas (Viki *et al.* 2003).

Também os estudos de Jackson *et al.* (2001) consolidaram a hipótese que um aspecto importante do sexismo contemporâneo é o maior respeito pelo homem em detrimento da mulher, por exemplo no mundo do trabalho.

O sexismo hostil e o sexismo benevolente estão interligados a três subcomponentes: paternalismo, diferenciação de género e heterossexualidade (Glick & Fiske, 1996). O paternalismo pode apresentar-se sob duas formas: dominante, que corresponde ao sexismo hostil, onde a mulher é vista como um ser inferior que necessita do domínio da figura masculina superior e protector, associado ao sexismo benevolente (a mulher é encarada como um ser frágil que necessita de protecção). No que se refere à diferenciação de género, no sexismo hostil esta diferenciação é competitiva, ou seja, o homem é que possui a habilidade fundamental para dirigir as instituições sociais e complementar (relacionada ao sexismo benevolente) onde são identificados alguns atributos positivos à mulher mas sempre em complemento do homem. Por último, na heterossexualidade, a mulher usa o seu poder de atracção sexual para dominar o homem, que deseja ligar-se intimamente a esta (associado ao sexismo hostil); por outro lado, relacionado com o sexismo benevolente, a mulher acredita na crença de que sem um companheiro fica mais frágil, precisa de ajuda e têm pena dela (Formiga *et al.*, 2002). Ao mesmo tempo, as mulheres heterossexuais necessitam dos homens como parceiros românticos e desse modo, a componente benevolente dessas atitudes é a crença na importância da intimidade heterossexual (Glick & Fiske 1999, 2001).

Assiste-se assim, à ambivalência de comportamentos e sentimentos em que homens e mulheres oscilam. Ferreira (2004) sugere-nos que o sexismo benevolente é uma forma de levar a mulher a aceitar o maior poder dos homens e ainda a sentir-se recompensada por isso. Sabemos ainda que, as mulheres atribuem características positivas aos homens descritos como sexistas benevolentes e admiram os homens supostamente protectores (Kilianski & Rudman, 1998 *cit. in* Guerra *et al.*, 2004), o homem que pode perfeitamente representar o mito do “príncipe encantado”.

### **Príncipe encantado – desencantado**

«És na verdade um mundo, ó Roma; mas sem o Amor

O mundo não seria mundo, e Roma não seria Roma.»

(Goethe, W. *cit. in* Barrento, 1998)

Vimos anteriormente que a mulher aceita o sexismo benevolente (Ferreira, 2004; Guerra *et al.*, 2004) que apesar de a considerar inferior ao homem, frágil e desprotegida, fá-la sentir-se recompensada, protegida e amada. Valorizando o amor romântico, a mulher encontra através das dimensões do sexismo, um cavalheiro, protector paternalista, um príncipe encantado, que no seu lado mais oculto, esconde mascarado numa série de

mitos, o preconceito em relação à mulher. Intimamente ligado ao sexismo ambivalente, o cavalheirismo paternalista, através de atitudes gentis e atenciosas para com as mulheres, como por exemplo, abrir a porta para a mulher passar ou pagar a conta no restaurante, coloca todavia, restrições ao seu comportamento (Viki *et al.*, 2003; Glick & Fiske, 2000), ou seja, a mulher deve comportar-se de acordo com os papéis tradicionais esperados, como cuidar da casa e dos filhos e ter sobretudo um papel passivo na relação (Glick *et al.*, 1997). Em nome do sonho de ser amada e protegida, a aceitação da mulher em relação ao sexismo benevolente (aparentemente não preconceituoso) e a valorização do cavalheirismo paternalista impulsiona a manutenção da discriminação contra ela própria. Relembramos que a aceitação do sexismo benevolente dá força ao hostil contribuindo deste modo para a manutenção da desigualdade de género na nossa cultura (Glick *et al.*, 2000).

Também uma componente observada nas relações íntimas é o amor romântico (Narciso & Ribeiro, 2009). Vejamos então algumas das teorias do amor romântico mais retratadas na literatura, sendo que o que se pode afirmar consensualmente é que as relações românticas fazem parte de um processo natural da vida da maioria das pessoas e é um elemento comum em diferentes culturas, sociedades e momentos da História (Hatfield, Rapson & Martel, 2007 *cit. in* Andrade, 2009<sup>a</sup>).

O amor romântico é definido por Branden (1988, *cit. in* Narciso & Ribeiro, 2009) como «uma apaixonada vinculação espiritual – emocional – sexual entre duas pessoas que reflecte uma elevada estima pelo valor de cada uma». O autor defende que para se amar

romanticamente é necessário existir admiração mútua. É indispensável uma vinculação profundamente apaixonada, afinidade espiritual entre os amantes, mutualidade e partilha ao nível da filosofia de vida. O amor romântico exige também um grande envolvimento emocional e uma forte atracção sexual. Para Branden para que se possa falar em amor romântico, é necessário que todos estes ingredientes estejam presentes na relação amorosa.

Por outro lado, a *teoria triangular do amor* de Sternberg sugere que o amor romântico é constituído por três componentes que formam simbolicamente um triângulo: intimidade, paixão e decisão / compromisso (Sternberg, 1997). A intimidade refere-se aos sentimentos de proximidade e aos laços emocionais que ligam o casal. A paixão é o conjunto de impulsos que levam ao romance, através da atracção física e concretização do acto sexual. A decisão / compromisso diz respeito à decisão de que se ama alguém e por isso, existe o compromisso de manter esse amor. De acordo com o autor, só podemos falar em amor romântico quando este triângulo é espelhado na relação.

Para Solomon (1990) o amor romântico é uma emoção. O autor explica que as emoções são construções inteligentes, estruturadas a partir de conceitos e julgamentos que aprendemos numa determinada cultura e através dos quais damos sentido às nossas experiências. O amor romântico de acordo com o autor não é passivo, mas sim um processo em movimento, desenvolvimento, criação mútua e criação do si. Não o próprio si, nem exclusivamente o si do outro, um si partilhado (Solomon, 1990).

Outra teoria é a *teoria do apego e do amor romântico* de Hazan e Shaver (1987, *cit. in* Andrade, 2009). De acordo com os autores, as pessoas têm diferentes orientações e histórias de vinculação na infância e precisamente por isso possuem diferentes crenças acerca do amor romântico. Bowlby (1988, *cit. in*. Paiva & Figueiredo, 2003) acredita que as experiências vividas na infância são relevantes para a construção do *self* e na estruturação do mesmo e que os modelos internos dinâmicos então construídos vêm a manifestar-se na complexidade das relações interpessoais, íntimas estabelecidas mais tarde, na idade adulta.

Num estudo longitudinal (Sprecher & Metts, 1999, *cit. in* Narciso & Ribeiro 2009), observou-se que as crenças românticas, tais como: «o amor vence obstáculos», «só há um verdadeiro amor na vida» e «é possível o amor à primeira vista», estão fortemente correlacionadas com amor, satisfação e compromisso, sendo que nos homens um maior romantismo (crenças românticas) é preditor de um aumento de compromisso, ao passo que nas mulheres, um nível elevado de compromisso é preditor de um aumento de romantismo.

O amor romântico produz um forte impacto nas relações íntimas. De acordo com Narciso e Ribeiro (2009), o amor romântico não existe apenas no início das relações, ele continua ao longo da vida das relações e, é essencial para a construção de uma identidade partilhada, para os níveis de satisfação do casal e para a estabilidade e harmonia conjugal (Narciso e Ribeiro 2009). Deste modo, o amor romântico é essencial

para a felicidade das pessoas e contribui para elevar os níveis de bem-estar e satisfação dos casais. Contudo, as pessoas trazem para a relação as suas dúvidas, medos, inseguranças, entre outros problemas, o que pode realmente causar desilusão, conflito e desencantamento (Branden, 1988 *cit. in* Winter *et al.* 2008).

Aron & MacLaughlin (2001) segundo o modelo de *Inclusão do Outro no Self* defende que, nas relações amorosas, os outros tornam-se em certa medida parte do *self*, uma vez que uma das motivações principais do ser humano é expandir o seu *self* e uma das formas, através da qual essa expansão ocorre, é pela inclusão de partes do outro que nos é próximo. Cada pessoa inclui, assim, os recursos, perspectivas e identidades do *self* do outro, no decorrer de uma relação próxima. Os recursos do outro podem ser, bens materiais, conhecimento e bens sociais. Um indivíduo, ao identificar estes recursos no cônjuge, apreende-os também para si, considerando-os como seus. De acordo com vários autores (*e.g.* Solomon, 1990), para existir um “nós” saudável, deve existir um “ele” e um “ela” independentes.

As consequências negativas da valorização do amor romântico e do cavalheirismo paternalista patente no sexismo ambivalente, traduzem-se na aceitação dos mitos da violência doméstica (Giger *et al.*, 2011) o que, por seu turno dá sustentabilidade à existência da própria violência doméstica.

**“Prefiro não ver” - Aceitação dos mitos da violência doméstica**

O início de uma relação amorosa, vive marcada pelo romantismo (Samson, 2010), ou seja, nesta fase inicial o casal vive ao rubro o amor romântico, encontrando-se num estado de imaginação e idealização permanente, por exemplo, sonham que viverão juntos e felizes para sempre. Neste período, os defeitos do outro são entendidos como qualidades e será especialmente propício a acreditar-se nos mitos da violência doméstica, por exemplo, «Ele não é ciumento, só me ama loucamente.» (Samson, 2010) ou «Se foi agressivo é porque perdeu a cabeça.» De acordo com o autor, alguns recusar-se-ão a deixar esta imagem idealizada e tornar-se-ão violentos no dia em que repararem que o outro não corresponde à imagem criada (Samson, 2010).

De facto, todos nós já ouvimos dizer que o ser humano tem a tendência generalizada de tentar explicar o mundo que o rodeia. O tipo de atribuições que fazemos é na realidade, em parte, determinado por crenças que estão enraizadas na sociedade (Valor-Segura, Expósito & Moya, 2008). A literatura sobre violência de género mostra que as atribuições do fenómeno são muitas vezes influenciadas por mitos e estereótipos de género e por diferenças na percepção da violência doméstica por homens e mulheres. É possível que as crenças sexistas, hostis e benévolas, influenciem a sociedade na percepção sobre a violência doméstica (Valor-Segura, Expósito & Moya, 2008).

Num estudo sobre sexismo e preditores de violência, Leiva e colegas (2007) observaram uma relação linear entre sexismo (benevolente e hostil) e atitudes, sendo que os indivíduos mais sexistas são mais tolerantes em relação à violência doméstica. Assim, é extremamente importante entender quais são as atitudes em relação à violência doméstica, bem como avaliar o papel das atribuições que são feitas para uma situação de violência, pois estas podem estar mediando, influenciando ou mesmo mantendo esta problemática social (Valor-Segura; Expósito & Moya 2008). Por seu turno, se não reconhecemos que o problema existe, torna-se mais difícil eliminá-lo (recordamos que também o sexismo benevolente se confronta com este problema, não admitindo a sua existência).

Vejamos então, alguns exemplos de mitos da violência doméstica: «A violência doméstica não afecta muita gente», ou seja, as pessoas tendem a negar a existência da violência doméstica, não a reconhecendo e desvalorizando a sua ocorrência; «Quando um homem é violento é porque perdeu o controlo do seu temperamento», justificando e tolerando deste modo comportamentos agressivos; «Se uma mulher continua a viver com um homem que lhe bate, então a culpa é dela se ele lhe bater outra vez», significa que as pessoas tendem a culpar a mulher que, por diversos motivos (por exemplo, medo, dependência económica, entre outros) permanece com o parceiro que a violenta; «Fazer ciúmes a um homem é “estar a pedi-las”» (culpabiliza-se a mulher); «Os homens violentos perdem o controlo de tal maneira que não sabem aquilo que fazem», ou seja desresponsabiliza-se o homem (Peters, 2008).

Assim, os mitos da violência doméstica são crenças falsas, infelizmente comuns, usadas para minimizar, tolerar, negar ou justificar a existência de violência doméstica (Peters, 2003). Ao considerarmos que a sociedade acredita nos mitos da violência doméstica é levantado um problema no que se refere à manutenção deste fenómeno, na medida em que, a violência doméstica é um problema social com graves implicações na saúde dos indivíduos Heise (1994, *cit. in* Giffin, 1994), sociais e económicas. Por outro lado, Rush (2000, *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003), apresenta a questão da violência contra a mulher não apenas como um problema social, mas também como um problema de saúde pública. A este respeito, relembramos que a Psicologia Clínica e da Saúde tem um papel importante na promoção e manutenção da saúde física e mental das pessoas, bem como na prevenção, avaliação e tratamento das diversas formas de perturbação mental (Ribeiro & Leal, 1996). Pierón (1968, *cit. in* Ribeiro & Leal, 1996) esclarece que a Psicologia Clínica, como ciência do comportamento humano, observa e analisa tanto os casos individuais (normais e/ou patológicos) como os grupos.

Num estudo (Nayak *et al.* 2003, *cit. in* Valor-Segura *et al.*, 2008), examinaram-se as crenças de homens e mulheres em relação à violência física contra as mulheres em diferentes países. Os resultados mostraram que existem diferenças de género importantes nas crenças dos indivíduos em relação à violência contra as mulheres. Outros autores (Campbell *et al.*, 2002; Cascardi, Langhinrichsen & Vivian, 1992; Goldberg & Tomlanovich, 1984; McCauley, Yurk, Jenckes & Ford, 1998; *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003) compararam mulheres vítimas e não vítimas de violência doméstica (*e.g.* abuso pelo companheiro) e observaram que as mulheres vítimas sofrem

de um maior número de sintomas físicos tais como: dores de cabeça, dores de costas, doenças sexualmente transmissíveis, dor pélvica, corrimentos vaginais, dor no acto sexual, infecções do tracto urinário, perda de apetite, dor abdominal, problemas digestivos, entre outros. Coker e colegas (2000) salientam ainda, que a violência psicológica pelo companheiro tem consequências adversas na saúde da mulher, nomeadamente por se associar à presença de artrite, dor crónica, enxaqueca e sintomas gastrointestinais.

Concluimos que, através dos mitos, as pessoas não “conseguem” ver formas de discriminação, preconceito existentes baseadas no género da pessoa, por outro lado, valorizam-se as crenças envolvidas no amor romântico, um estado de grande prazer e felicidade que, muitas vezes conduz à cegueira perante o lado opressor do companheiro. Do mesmo modo, as atitudes gentis de um cavalheiro paternalista, conferem à mulher a sensação de ser protegida e amada. Assim, a aceitação de mitos relacionados com a violência doméstica parece estar enraizada na sociedade, uma vez que a mulher aceita o facto de ser considerada um ser inferior desde que se sinta recompensada por isso.

### **3. INVESTIGAÇÃO EMPIRICA**

### 3.1. Delimitação do Problema de Investigação

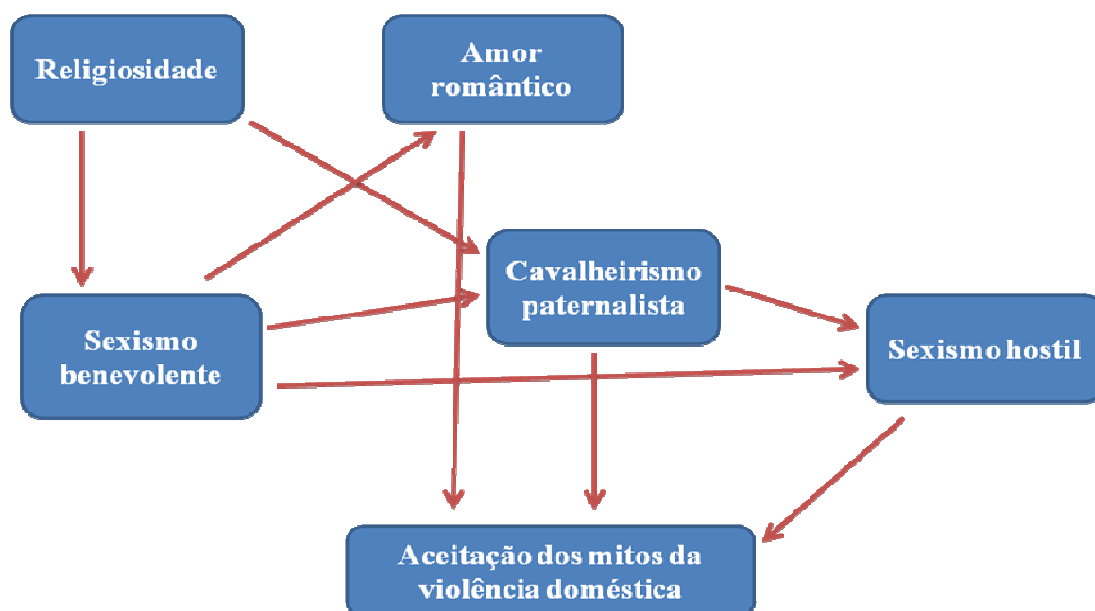
A mulher aceita o sexismo benevolente através da valorização do homem protector, cavalheiro, romântico, o príncipe encantado (cavalheirismo e amor romântico) com que sempre sonhou. Esta aceitação do sexismo benevolente dá força ao hostil contribuindo deste modo para a manutenção da desigualdade de género na nossa cultura. Profundamente enraizada na cultura tradicional, esta aceitação é preditora de mitos e crenças relacionadas com a violência doméstica.

Desenvolvemos um estudo correlacional de verificação de modelo (Figura 1), com o objectivo de observar em que medida as variáveis sexismo ambivalente (benevolente e hostil), cavalheirismo paternalista e amor romântico são preditoras da aceitação dos mitos da violência doméstica. Os valores de uma cultura têm efeitos em diversas dimensões do comportamento humano, sendo a religião uma das fontes principais para a formação e desenvolvimento da cultura e dos valores que a caracterizam (Pina e Cunha & Rego, 2009). Assim, procuramos ainda com carácter exploratório, observar em que medida a religiosidade se relaciona com as variáveis supracitadas.

Até há muito pouco tempo a violência “entre paredes” (leia-se, violência doméstica) era desvalorizada, deixando esse fenómeno entregue às próprias famílias para gerirem. Recordemos o ditado popular “entre marido e mulher não se mete a colher”. Apesar de em países anglo-saxónicos (por exemplo) há muito se estudar este

fenómeno, em países mais conservadores, laicos (há pouco tempo), de valores colectivistas como Portugal, só há relativamente pouco tempo é que passou a ser alvo de interesse científico e considerado um aspecto de responsabilidade social. A inexistência de escalas (ou traduções) adaptadas à população portuguesa para o estudo do fenómeno ilustra bem a diferença entre Portugal e outros países no que respeita à preocupação com esta temática. Pelo que pretendemos contribuir para a compreensão deste fenómeno considerando uma população portuguesa.

Apresentamos de seguida o modelo teórico (Figura 1), que pretendemos observar com o nosso estudo empírico.



*Figura 1:* Modelo teórico

## 3.2. Metodologia

### 3.2.1. População e Amostra

Neste estudo participaram 183 indivíduos, sendo 57 participantes (31%) do gênero masculino e 125 participantes (69%) do gênero feminino. A amostra ( $N=183$ ) reúne os participantes que preencheram o questionário presencialmente (118 participantes), por acessibilidade ou conveniência e online (65 participantes).

No tratamento de dados, a opção “Outro”, no que se refere ao estado civil dos participantes foi incluída na opção “Solteiro (a)”. Os participantes que assinalaram já terem sido vítimas de violência doméstica não foram considerados para o tratamento de dados.

**Tabela 1:** Estado civil por género – Frequências relativas e absolutas

Estado civil	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa
Solteiro(a)	30	52.6%	57	46%	87	48.1%
Casado(a)	17	29.8%	39	31.5%	56	30.9%
União de Facto	7	12.3%	15	12.1%	22	12.2%
Relac. Intimo	3	5.3%	13	10.5%	16	8.8%
<b>Total</b>	57	31.5%	124	68.5%	181	100%

Como observamos na tabela 1, os participantes são maioritariamente do género feminino (68,5%), para  $\chi^2_{(1)} = 25.407$ ,  $p \leq .000$ . O estado civil mais observado é o solteiro (48,1%), para  $\chi^2_{(3)} = 73.385$ ,  $p \leq .000$ . Não se observam diferenças

significativas quando analisamos a estatística descritiva para o género em função do *estado civil* (Anexo 4) com  $\chi^2_{(3)} = 1.599, p \leq .660$ .

Em relação aos *rendimentos* (*vide* Anexo 3), destacamos que a maioria dos participantes ganha entre 500 e 1000 Euros (homens, 38,6% e mulheres 31,2%). Apenas 7% dos homens ganha mais de 3000 Euros e somente .8% no caso das mulheres. O *Chi-Square Test* mostrou que os participantes são significativamente diferentes para esta variável ( $\chi^2_{(5)} = 80.220, p \leq .000$ ).

Esta tendência de estatuto socioeconómico baixo está presente quando caracterizamos a amostra em termos de *habilitações literárias* (*vide* Anexo 3). A maioria dos participantes tem o nível secundário de estudos (42,9% no caso dos homens e 67,1% nas mulheres). Em contrapartida, apenas 1,3% dos participantes tem estudos ao nível de doutoramento (registando-se nas mulheres). O *Chi-Square Test* mostrou que os participantes são significativamente diferentes em função das *habilitações literárias* ( $\chi^2_{(4)} = 118.324, p \leq .000$ ).

### 3.3. Procedimentos

Algumas empresas no Algarve permitiram que aplicássemos o questionário aos seus trabalhadores. Os trabalhadores dessas empresas preencheram o questionário em

pequenos grupos e individualmente, sempre na presença de um investigador. Foi comunicado a todos os participantes, antes de preencherem o questionário, que pretendemos com este estudo avaliar os processos associados às relações interpessoais, assim como, não existem respostas certas ou erradas (o importante seria a opinião de cada um). Foi informado que o preenchimento do questionário teria a duração máxima de 15 minutos e que a sua colaboração deveria ser voluntária, podendo interromper se assim entendessem, bem como que os questionários são anónimos e confidenciais. No final do preenchimento estivemos disponíveis para esclarecimentos sobre a investigação. Para além de empresas, participaram neste estudo alunos e funcionários de institutos superiores no Algarve e outras instituições sociais. Após a aplicação do questionário presencialmente, foi colocado na internet o mesmo, estando online durante cerca de três meses.

### **3.4. Instrumentos**

Foi feita a tradução bilingue (Inglês-Português, Português-Inglês) de todas as escalas *Self-Assessment – The Love Attitudes Scale* (Konx, 1968), *Paternalistic Chivalry Scale* (Viki *et al.*, 2003) e *Domestic Violence Myth Acceptance Scale – DVMAS* (Peters, 2008) com excepção do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, traduzido por Gonçalves *et al.* (2011). A tradução das escalas foi executada por dois especialistas externos à investigação do inglês para português e a retradução por outros dois especialistas (de português para o inglês). Após a tradução e retradução das escalas, especialistas na matéria analisaram as versões de forma a garantir a validade facial na construção do

instrumento final (Anexo 2). De forma a controlar o efeito (parasita) do tamanho do instrumento as escalas foram ordenadas aleatoriamente em três versões de ordem (A, B e C).

a) *Inventário de Sexismo Ambivalente* (ASI de Glick e Fiske, 1996)

O Inventário de Sexismo Ambivalente permite medir as crenças que homens e mulheres têm a respeito dos indivíduos enquanto homens *vs.* mulheres. Este instrumento foi construído originalmente na língua inglesa por Glick e Fiske (1996) e operacionaliza as duas formas de sexismo (hostil e benevolente). A escala *ASI* (Glick & Fiske, 1996) tem sido alvo de várias adaptações e traduções em várias línguas e culturas (*e.g.* Glick *et al.*, 2000; Formiga *et al.*, 2000), revelando um alto nível de consistência nos valores psicométricos. Usámos no nosso estudo a tradução da escala feita em Portugal por Gonçalves *et al.* (2011)<sup>1</sup>. Comparando os valores dos *alphas* do nosso estudo com o original de Glick e Fiske (1996) e com a tradução de Gonçalves *et al.* (2010), observamos que os valores são bastante similares. Assim, na *ASI* de Glick e Fiske (1996), com base em cinco estudos, o sexismo ambivalente tem um *alpha* entre .83 e .92, o sexismo benevolente tem um *alpha* entre .73 e .85 e no sexismo hostil o *alpha* é entre .80 e .92. Quanto à tradução da escala de *ASI* de Gonçalves *et al.* (2011), apresenta no sexismo ambivalente um *alpha* = .87, no sexismo benevolente o *alpha* é de .83 e no sexismo hostil o *alpha* é de .86. A análise dos nossos dados permitiu observar valores

<sup>1</sup>Tradução da escala *ASI* (Glick & Fiske, 1996) por Gonçalves *et al.* (2011) não publicada.

de consistência interna que replicam os resultados de Gonçalves *et al.* (2011) assim como, de estudos anteriores (*e.g.* Glick *et al.*, 2000; Formiga *et al.*, 2000). O nosso estudo apresenta um *alpha* de .83 no sexismo ambivalente,  $\alpha = .83$  no sexismo hostil e  $\alpha = .83$  no sexismo benevolente. O teste de normalidade de *Kolmogorov* no sexismo ambivalente é de .718,  $p < .867$ . Nas duas dimensões do sexismo ambivalente, hostil e benevolente, o teste de normalidade de *Kolmogorov* é de .718,  $p < .681$  e .801,  $p < .543$ , respectivamente.

O *Inventário de Sexismo Ambivalente* (Glick & Fiske, 1996; Gonçalves *et al.*, 2011) é composto por 22 itens de tipo *Likert*, crescente de 1 (*discordo totalmente*) a 6 (*concordo totalmente*). Cada dimensão do sexismo é avaliada por 11 itens, o *sexismo hostil* é medido através dos itens: 2,4,5,7,10,11,14,15,16,18 e 21 e o *sexismo benevolente* é avaliado através dos itens: 1,3,6,8,9,12,13,17,19,20 e 22. Salientamos que cada uma destas dimensões prevê três subdimensões (paternalismo, diferenciação de género e heterossexualidade) que não foram considerados nos nossos objectivos e, em consequência, nas nossas análises.

- b) *Escala de Amor Romântico* (Self-Assessment: The Love Attitudes Scale de Knox, 1968)

Para esta variável, usámos a tradução que fizemos da escala de *amor romântico*, do original *Self-Assessment: The Love Attitudes Scale* de Knox (1968). A escala é

unidimensional e composta por 30 itens tipo *Likert*, crescente de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*). A nossa tradução da escala apresenta um  $\alpha = .853$  e o teste de normalidade *Kolmogorov* de  $.702, p < .708$ . Esta variável avalia em que medida a pessoa valoriza o amor romântico, acreditando que «O amor não faz sentido, simplesmente é» ou «Frequentemente, o amor só aparece uma vez na vida.»

- c) *Escala da Aceitação dos Mitos da Violência Doméstica* (Domestic Violence Myth Acceptance Scale - *DVMAS* de Peters, 2008)

A variável *aceitação dos mitos da violência doméstica* foi operacionalizada através da nossa tradução do instrumento original *Domestic Violence Myth Acceptance - DVMAS* de Peters (2008). É uma escala unidimensional, composta por 18 itens, que descreve uma série de mitos relacionados com a violência doméstica, onde os participantes assinalam a sua concordância com a frase descrita numa escala tipo *Likert* crescente de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*). Os nossos dados permitiram observar elevados valores de consistência interna ( $\alpha = .844$ ) e valores de normalidade igualmente satisfatórios (*Kolmogorov* =  $.705, p < .703$ ).

- d) *Escala de Cavalheirismo Paternalista* (Paternalistic Chivalry Scale de Viki *et al.*, 2003)

O *sexismo ambivalente*, em particular a forma benevolente traduz-se, nas relações íntimas, numa atitude de cavalheirismo (Viki *et al.*, 2003). Para esta variável recorremos à nossa tradução da escala *Paternalistic Chivalry Scale* (Viki *et al.*, 2003), que avalia em que medida o participante acredita nas crenças relacionadas com o cavalheirismo paternalista (*e.g.* «durante um encontro, um homem deve proteger a sua mulher se estiver sendo assediada por outro», «um cavalheiro abre as portas a uma mulher quando saem juntos», entre outros).

No nosso estudo, em virtude de ter ocorrido um problema com os dados dos participantes que responderam ao questionário através da internet relativamente ao item 8 da escala de *cavalheirismo paternalista*, optou-se por retirar esse item. Os valores de consistência interna da nossa tradução da escala com e sem o item 8 revelaram-se muito similares (com o item 8  $\alpha = .903$ ; sem o item 8  $\alpha = .897$ ). Por outro lado, a correlação entre as médias (com item 8 e sem item 8) foi  $r = .998$ ,  $p < .001$ . O teste de normalidade apresentou uma distribuição normal (*Kolmogorov* = 1.047,  $p < .223$ ).

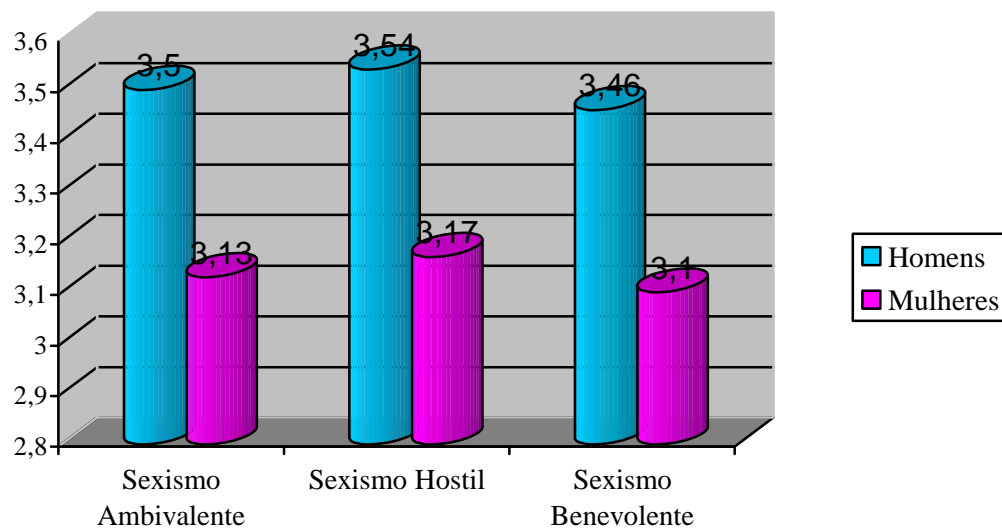
Além das variáveis sociodemográficas, tais como: género, idade, estado civil, habilitações literárias, região, profissão e rendimentos, operacionalizadas sob a forma de

medidas nominais, o instrumento final (*vide* Anexo 2) inclui as questões: «Já foi vítima de violência doméstica?»; «Se sim, qual o tipo (psicológica, física, ambas)? e «Se conhece alguém vítima de violência doméstica?» também nominais. Foi ainda acrescentada uma questão sobre o grau de religiosidade dos indivíduos («Em que medida se considera religioso?») sob a forma de escala crescente tipo *Likert*, de 1 (*nada religioso*) a 6 (*totalmente religioso*). Antes da recolha dos dados, o instrumento foi ainda testado numa amostra de 22 indivíduos de ambos os géneros, em sala de aula num instituto superior no Algarve, com a presença de um dos investigadores. Com o objectivo de analisar eventuais dificuldades de aplicação, o tempo de resposta e dificuldades de interpretação das questões.

### **3.5) Resultados**

Os dados recolhidos foram submetidos a procedimentos estatísticos descritivos e inferenciais de acordo com os nossos objectivos, recorrendo para o efeito ao SPSS – 18 *PAWS Statistic*.

## a) Sexismo ambivalente



**Gráfico 1:** Médias por género no sexismo ambivalente e dimensões

Os participantes do género masculino apresentam uma média ( $M = 3.5$ ) significativamente superior às mulheres ( $M = 3.13$ ) no *sexismo ambivalente* ( $t_{(180)} = 225$ ,  $p \leq .001$ ). Relativamente ao *sexismo hostil* e *sexismo benevolente* observamos igual direcção dos resultados, isto é, os homens apresentam médias ( $M = 3.54$  e  $M = 3.46$ , respectivamente) significativamente superiores às mulheres ( $M = 3.17$  e  $M = 3.10$ , respectivamente) de acordo com a comparação de médias ( $t_{(180)} = 2.948$ ,  $p \leq .004$  e  $t_{(180)} = 2.484$ ,  $p \leq .014$ , respectivamente). No que se refere às médias de homens e mulheres em função do estado civil (tabela 2), a *ANOVA between subjects 2* (Género: homens vs. mulheres)  $\times$  4 (Estado civil: solteiro(a) vs. casado(a) vs. união de facto e relacionamento

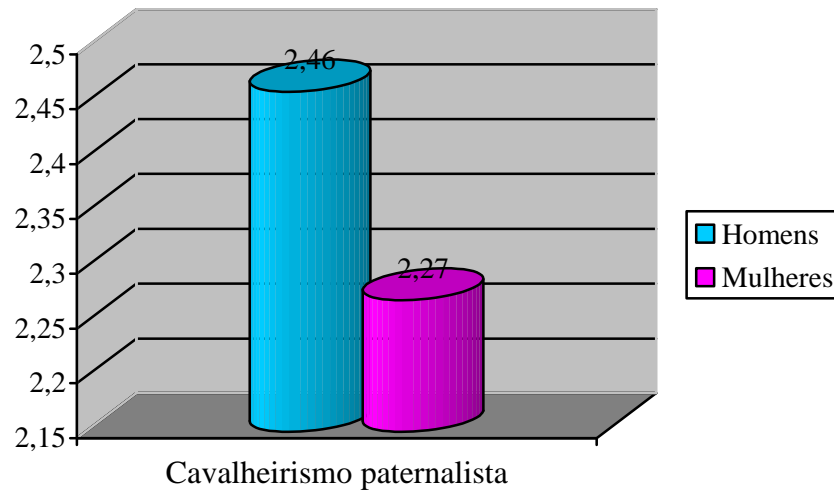
íntimo) não mostrou qualquer efeito das variáveis *género* e *estado civil* na variável *sexismo ambivalente* ( $p \geq .05$ ) e também não foi observada qualquer interacção ( $p \geq .05$ ). A comparação de médias em função do estado civil não mostrou qualquer diferença significativa (*Tukey HSD* =  $p > .05$ ). Relativamente ao *sexismo benevolente* também não foram observados quaisquer efeitos das variáveis *género* e *estado civil* ( $p > .05$ ), assim como nenhuma interacção ( $F_{(1,173)}=.134$ ;  $p \leq .715$ ). O teste *POST HOC* não mostrou qualquer valor significativo para a variável *estado civil* (*Tukey HSD* =  $p > .05$ ).

A *ANOVA between subjects* 2 (Género: homens vs. mulheres)  $\times$  4 (Estado civil: solteiro(a) vs. casado(a) vs. união de facto e relacionamento íntimo) mostrou apenas um efeito da variável género no *sexismo hostil* ( $F_{(1,173)}= 4.551$ ,  $p \leq .034$ ). Não foi observado nenhum outro efeito ou interacção ( $p > .05$ ). O teste *POST HOC* não mostrou qualquer valor significativo para a variável *estado civil* (*Tukey HSD* =  $p > .05$ ).

**Tabela 2:** Médias em função do género e estado civil no sexismo

			Sexismo Ambivalente		Sexismo Hostil		Sexismo Benevolente	
			Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<b>Estado civil</b>	Solteiro	M	3.60	3.17	3.66	3.25	3.55	3.09
		SD	.809	.707	.887	.739	.945	.963
	Casado	M	3.42	3.03	3.30	3.06	3.54	3.00
		SD	.710	.784	.697	.896	.824	.983
	União de facto	M	3.43	3.15	3.53	3.06	3.32	3.25
		SD	.320	.644	.334	.805	.439	.939
	Relacionamento Íntimo	M	3.05	3.27	3.61	3.27	2.48	3.27
		SD	.864	.701	.639	.700	1.42	.552
	Total	M	3.50	3.17	3.54	3.17	3.54	3.10
		SD	.735	.793	.774	.793	.901	.927

## b) Cavalheirismo paternalista



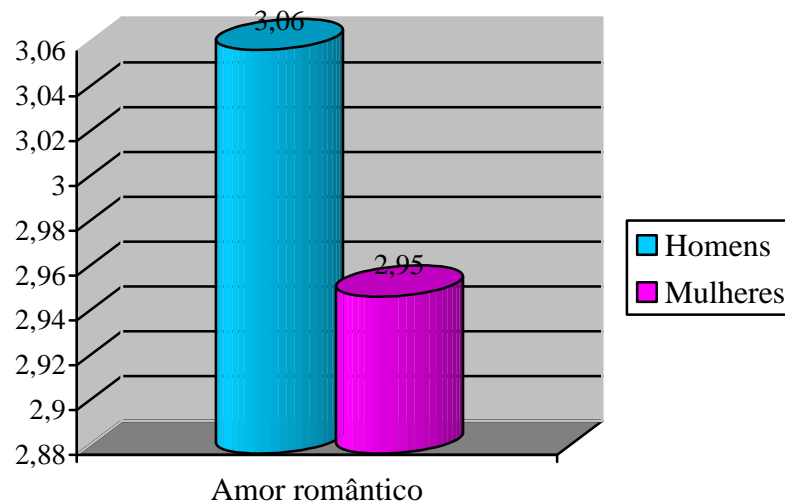
**Gráfico 2:** Médias por género no cavalheirismo paternalista

As médias nos homens no *cavalheirismo paternalista* são superiores às das mulheres ( $p \leq .063$ ). Os homens têm uma  $M = 2.46$  e as mulheres uma  $M = 2.27$ . Relativamente às médias em função do estado civil dos géneros (tabela 3), a *ANOVA between subjects 2* (Género: homens vs. mulheres)  $\times$  4 (Estado civil: solteiro(a) vs. casado(a) vs. união de facto e relacionamento íntimo) não mostrou qualquer efeito das variáveis *género* e *estado civil* na variável *cavalheirismo paternalista* com  $F_{(3,173)}=2.507; p \leq .061$ ; (Tukey  $HSD = p > .05$ ).

**Tabela 3:** Médias em função do género e estado civil no cavalheirismo paternalista

		Cavalheirismo paternalista		
			Homens	Mulheres
<b>Estado civil</b>	Solteiro	M	2.37	2.21
		SD	.599	.643
	Casado	M	2.49	2.40
		SD	.649	.502
	União de facto	M	3.01	2.19
		SD	.746	.763
	Relacionamento Íntimo	M	1.89	2.28
		SD	.671	.527
	Total	M	2.46	2.27
		SD	.665	.606

## b) Amor romântico



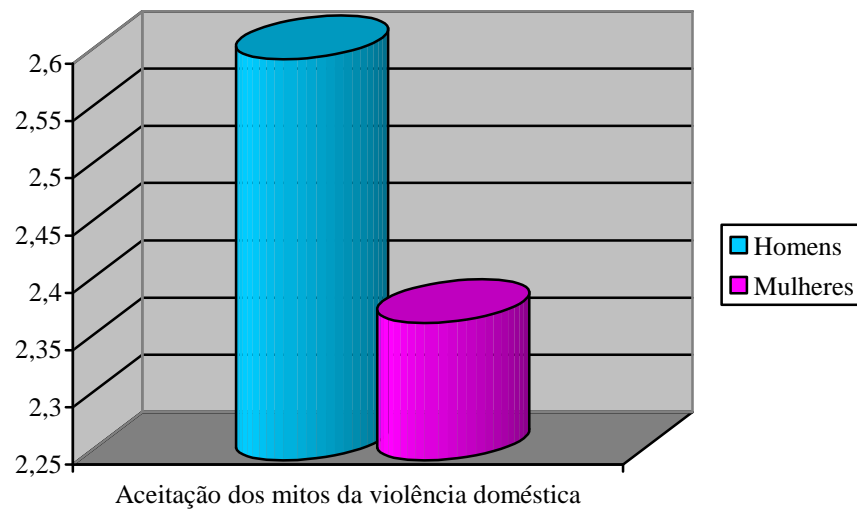
**Gráfico 3:** Médias em função do género no amor romântico

As médias do *amor romântico* (gráfico 3) são mais altas nos homens ( $M = 3.06$ ) do que nas mulheres ( $M = 2.95$ ) para  $p \leq .136$ . A *ANOVA between subjects 2* (Género: homens vs. mulheres)  $\times$  4 (Estado civil: solteiro(a) vs. casado(a) vs. união de facto e relacionamento íntimo) não mostrou qualquer efeito das variáveis género e estado civil (tabela 4: médias em função do estado civil nos homens e mulheres) na variável *amor romântico*:  $F_{(1,173)} = .623; p \leq .607$  (*Tukey HSD* =  $p > .05$ ).

**Tabela 4:** Médias em função do género e estado civil no amor romântico

		Amor romântico		
			Homens	Mulheres
<b>Estado civil</b>	Solteiro	M	3.00	2.97
		SD	.470	.529
	Casado	M	3.18	2.92
		SD	.327	.410
	União de facto	M	3.04	2.91
		SD	.427	.496
	Relacionamento Íntimo	M	3.01	3.02
		SD	.506	.351
	Total	M	3.06	2.95
		SD	.424	.470

## c) Aceitação dos mitos da violência doméstica



**Gráfico 4:** Médias por género na aceitação dos mitos da violência doméstica

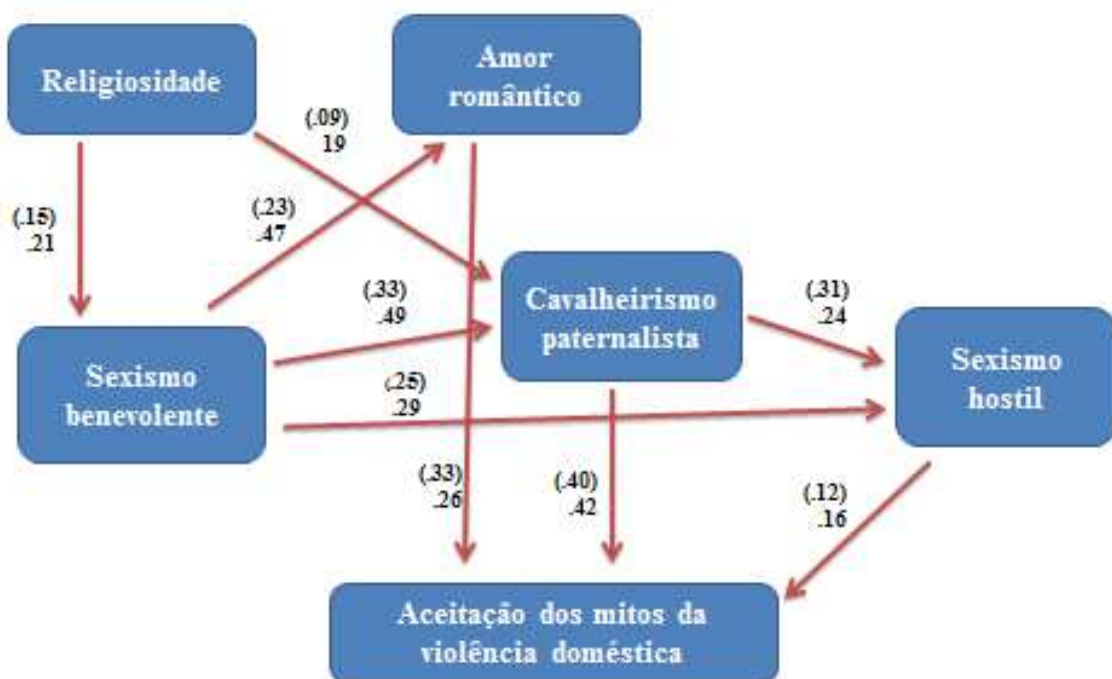
As médias da *aceitação dos mitos violência doméstica* (gráfico 4) são mais altas nos homens ( $M = 2.60$ ) do que nas mulheres ( $M = 2.37$ ) para  $p \leq .017$ . A ANOVA *between subjects* 2 (Género: homens vs. mulheres)  $\times$  4 (Estado civil: solteiro(a) vs. casado(a) vs. união de facto e relacionamento íntimo) não mostrou qualquer efeito das variáveis género e estado civil (tabela 5) na variável *aceitação dos mitos da violência doméstica*:  $F_{(1,173)} = .687$ ;  $p \leq .561$  (Tukey HSD =  $p > .05$ ).

**Tabela 5:** Médias em função do género e estado civil na aceitação dos mitos da violência doméstica

		Aceitação dos mitos da violência doméstica		
			Homens	Mulheres
<b>Estado civil</b>	Solteiro	M	2.50	2.32
		SD	.598	.551
	Casado	M	2.68	2.45
		SD	.606	.538
	União de facto	M	2.92	2.37
		SD	.859	.777
	Relacionamento Íntimo	M	2.39	2.45
		SD	.729	.532
	Total	M	2.60	2.38
		SD	.640	.572

## c) Verificação do modelo

O objectivo principal deste estudo consiste na observação de um modelo explicativo para a relação entre as variáveis estudadas, partindo tanto dos seus princípios teóricos quanto das relações anteriormente discutidas.



*Figura 2:* Valores da verificação do modelo teórico

A análise estatística inferencial permitiu-nos observar um bom ajustamento do modelo para um  $N = 183$  participantes. O modelo final (Figura 2) mostra uma boa adaptação aos dados observados com um  $\chi^2/5 = 2.944$ ,  $p = .709$ ,  $GFI = .99$ ,  $CFI = 1.00$  e  $RMSEA = .000$ .

O  $\chi^2$  pelos graus de liberdade ( $\chi^2/5 = 2.944$ ) entre 2 e 3 revela um bom ajuste (Fan, Thompson, & Wang, 1999 *cit. in Santos & Gonçalves, 2010*). Por outro lado um *qui-quadrado* não significativo ( $p = .709$ ) indica um bom ajustamento (Byrne, 1999, *cit. in Gouveia et al., 2001*). Os valores encontrados de  $GFI = .99$  (*Goodness of fit Index*) e  $CFI = 1.00$  (*Comparative Fit Index*) indicam um bom ajustamento de acordo com Hu e Bentler (1998, *cit. in Santos & Gonçalves, 2010*). De acordo com os autores quanto mais os valores se aproximam de 1 melhor o grau de ajustamento. O valor de *raiz quadrada média residual* ( $RMSEA = .000$ ), aproxima-se do valor ideal (Fan, Thompson, & Wang, 1999 *cit. in Santos & Gonçalves, 2010*) de 0.05. Observamos na figura 2 que todos os coeficientes não estandardizados e estandardizados (entre parêntesis) são significativos,  $p < .05$ .

Conforme as nossas expectativas, o *sexismo benevolente* prediz o *cavalheirismo paternalista* ( $\beta = .49$ ), o *amor romântico* ( $\beta = .23$ ) e o *sexismo hostil* ( $\beta = .29$ ). Por outro lado, o *sexismo hostil* é explicado pelo *cavalheirismo paternalista* ( $\beta = .24$ ) e o *cavalheirismo paternalista* prediz significativamente o *amor romântico* ( $\beta = .20$ ). Observámos ainda que, o grau de *religiosidade* prediz significativamente o *sexismo benevolente* ( $\beta = .21$ ) e o *cavalheirismo paternalista* ( $\beta = .19$ ). De acordo com o nosso objectivo, observámos que o *amor romântico* ( $\beta = .26$ ), o *cavalheirismo paternalista*

( $\beta = .42$ ) e o *sexismo hostil* ( $\beta = .16$ ) predizem significativamente a *aceitação dos mitos da violência doméstica*.

### 3.6) Discussão dos resultados

Desenvolvemos um estudo correlacional de verificação de modelo ( $N = 183$ ), no qual, de acordo com o nosso objectivo e expectativas, observámos que o cavalheirismo paternalista, o amor romântico e o sexismo hostil predizem significativamente a aceitação dos mitos da violência doméstica. Com carácter exploratório, observámos ainda que a religiosidade prediz significativamente o sexismo benevolente e o cavalheirismo paternalista. O modelo apresenta um bom ajustamento com um  $\chi^2 / 5 = 2.944$ ,  $p = .709$ ,  $GFI = .99$ ,  $CFI = 1.00$ ,  $RMSEA = .000$ .

Segundo o sexismo ambivalente, quando uma mulher se ajusta e se adapta aos papéis tradicionais de esposa e mãe, merece a veneração e sacrifício do seu homem (Valor-Segura *et al.*, 2008). Esta crença expressa o sexismo benevolente e justifica o sexismo hostil quando a mulher não corresponde ao papel tradicional esperado (Viki *et al.*, 2003). Tal como esta crença, a sociedade está repleta de ideologias que servem de guia e desculpa para o comportamento do indivíduo, legitimando e contribuindo para que homens e mulheres adoptem certos esquemas biológicos e condutas a respeito dos papéis dos géneros (Formiga, 2002). Por outro lado, é possível que as crenças sexistas,

hostis e benevolentes, influenciem a sociedade na percepção sobre a violência doméstica (Valor-Segura *et al.*, 2008). Observámos no nosso estudo que, de facto, o sexismo hostil, explicado pelo sexismo benevolente e pelo cavalheirismo paternalista, prediz significativamente a aceitação dos mitos da violência doméstica, por outras palavras, quanto mais sexista uma pessoa é mais deturpada é a sua percepção sobre a violência doméstica.

Como vimos, as atitudes sexistas justifica e reforçam a desigualdade entre os géneros e são expressas de forma ambivalente, isto é, de duas formas distintas, por meio de atitudes tanto hostis como benévolas (Formiga, 2002). No combate ao sexismo e discriminação de género, surgiu na sociedade uma nova forma de sexismo - o neosexismo ou sexismo moderno (Moya & Expósito, 2001; Tougas *et al.* 2005; Formiga *et al.* 2005). Esta nova forma de sexismo manifesta-se de forma subtil, discretamente nas relações íntimas e intergrupais, negando a sua existência e mantendo uma atitude de conformidade positiva (Formiga *et al.* 2005). Ou seja, os sexistas rejeitam agora que o são. Apesar dos estudos sobre as novas formas de sexismo contarem já com cerca de duas décadas, as investigações têm ainda um caminho longo a percorrer, sendo que têm incidido especialmente no mundo anglo-saxónico (Moya & Expósito, 2001).

O objectivo do nosso estudo foi primordialmente observar a relação entre as variáveis sexismo ambivalente, amor romântico e cavalheirismo paternalista, e observar os preditores da aceitação dos mitos da violência doméstica, ou seja, o sexismo hostil, cavalheirismo paternalista e amor romântico. Contudo, outros factores podem estar influenciando a aceitação dos mitos da violência doméstica e das variáveis preditoras, pelo que devem ser, no futuro, desenvolvidas investigações nesse sentido.

Os valores culturais, por exemplo, representam o resultado da cultura, da sociedade e da personalidade, apresentando o poder de influenciar atitudes e comportamentos (Rokeach, 1973 *cit. in* Belo *et al.*, 2005). Considerando o vínculo do sexismo com o contexto cultural, é possível que os valores reúnam elementos determinantes para se compreender a manifestação deste tipo de preconceito (Belo *et al.*, 2005). Segundo o modelo de Hofstede (1980, *cit. in* Pina e Cunha & Rego, 2009), Portugal caracteriza-se por ser colectivista (mais do que individualista) e com maior distância ao poder, por conseguinte, as categorizações sociais têm um peso elevado na percepção social, logo em toda a diferenciação intergrupala.

O nosso estudo foi desenvolvido em Portugal e os participantes considerados foram apenas a população nascida em Portugal. A maior parte da nossa amostra foi recolhida no Algarve (43,2%), uma zona que vive em muito do turismo, e por isso habituada à presença de culturas diferentes. Julgamos que seria pertinente alargar este estudo a outras regiões do país de modo a comparar resultados. Portugal é considerado um país

ainda com alguma dimensão conservadora, onde estes estereótipos mais se acentuam Furnham (1999, *cit. in* Pereira & Veríssimo, 2008). Países mais conservadores, laicos (há pouco tempo), de valores colectivistas como Portugal, só há relativamente pouco tempo é que tem vindo a manifestar interesse científico e a considerar o fenómeno de responsabilidade social. A inexistência de escalas (ou traduções publicadas) adaptadas à população portuguesa para o estudo do fenómeno ilustra bem a diferença entre Portugal e outros países no que respeita à preocupação com esta temática.

Observámos diferenças significativas quanto ao género dos participantes no nosso estudo. A nossa amostra contou com uma maioria do género feminino entre os participantes. Em relação às variáveis habilitações literárias e rendimentos também foram observadas diferenças significativas na nossa amostra ( $p \leq .000$ ), traduzindo-se numa amostra que evidencia uma baixo nível socioeconómico.

Outro aspecto importante, decorrente da nossa análise exploratória é o tema da religião. Não foi nosso objectivo avaliar a relação das diversas religiões perante a aceitação dos mitos da violência doméstica, contudo, o grau de religiosidade foi considerado na investigação e permitiu observar a sua relação com o sexismo benevolente e cavalheirismo paternalista. Porém, será necessário um estudo que aprofunde esta relação e tome em consideração não apenas o grau de religiosidade mas também qual a religião do participante. A religião é uma das dimensões mais importantes da pessoa humana, influenciando todo o sentido da vida e da morte, o modo como se encara o mundo, as

relações, a família, as alegrias e o sofrimento, a tolerância ou o racismo, a política e o trabalho (Oliveira, 2000, *cit. in* Silva, 2008). Também nas relações amorosas, Garcia e Maciel (2008, *cit. in* Andrade & Garcia, 2009a) afirmam que o envolvimento romântico é influenciado pela religião, podendo esta contribuir de forma positiva ou negativa para a satisfação conjugal e para o processo de escolha do companheiro.

Até há muito pouco tempo a violência “entre paredes” (leia-se, violência doméstica) era desvalorizada, deixando esse fenómeno entregue às próprias famílias para gerirem. Recordemos o ditado popular “entre marido e mulher não se mete a colher”. As consequências negativas da valorização do amor romântico e do cavalheirismo paternalista patente no sexismo ambivalente, traduzem-se na aceitação dos mitos da violência doméstica (Giger *et al.*, 2011) o que, por seu turno dá sustentabilidade à existência da própria violência doméstica.

Assim, sugerem-se estudos que aprofundem o conhecimento sobre as variáveis preditoras da aceitação dos mitos da violência doméstica, designadamente amor romântico, cavalheirismo e sexismo. Será, quanto a nós, importante observar com maior atenção o amor romântico, sabendo que este explica uma má percepção da violência doméstica. Ao contrário do cavalheirismo, que é explicado pela religiosidade e sexismo benevolente e do sexismo hostil, que é explicado pelo sexismo benevolente e cavalheirismo, no caso do amor romântico não observámos variáveis que o expliquem.

Infelizmente, na realidade o que acontece na sociedade é bem diferente do que os mitos sugerem quando falamos de violência doméstica. A verdade é que as mulheres estão sob risco de violência, principalmente por parte dos seus companheiros e a violência doméstica ocorre em todos os grupos socioeconômicos, desde os mais pobres aos mais ricos. Nas relações amorosas, a violência muitas vezes é multifacetada e tende a piorar com o tempo, sendo certo também que na maioria dos casos, os homens violentos não sofrem de doenças mentais. A violência psicológica e emocional é tão prejudicial quanto a física, sendo muitas vezes considerada pior, na experiência das mulheres (Heise, 1994). Considerando as graves implicações que a violência doméstica tem na saúde mental das vítimas, este é um fenômeno que merece todo o nosso empenho na continuação deste combate.

## **4. CONCLUSÕES**

Os mitos de violência doméstica são crenças geralmente falsas, que servem para minimizar, negar ou justificar a violência doméstica (Peters, 2003). Surge na literatura como um possível preditor da violência doméstica (*e.g.* Valor-Segura *et al.*, 2008). Se uma cultura é tolerante, nega a sua existência e recorre a ditados populares de não responsabilidade social, é natural que a violência doméstica se mantenha. Numa perspectiva de contribuir para a compreensão deste fenómeno e das variáveis que lhe dão corpo, desenvolvemos um estudo correlacional de verificação de modelo. Em concreto, procurámos observar em que medida as variáveis sexismo ambivalente (benevolente e hostil), cavalheirismo paternalista e amor romântico são preditoras da aceitação dos mitos da violência doméstica. A nossa amostra, constituída por 183 participantes de ambos os géneros, contribuiu com as suas respostas para um bom ajustamento dos dados ao modelo proposto. A tradução das escalas utilizadas, nomeadamente *DVMAS* (Peters, 2008), *Self-Assessment – The Love Attitudes Scale* (Knox, 1968) e *Paternalistic Chivalry Scale* (Viki *et al.*, 2003) permitiu observar valores muito satisfatórios quanto à sua consistência interna.

De acordo com as nossas expectativas, observámos que o sexismo hostil, o cavalheirismo paternalista e o amor romântico predizem significativamente a aceitação dos mitos da violência doméstica. Assim, quanto mais sexista é uma pessoa, quanto mais valorizado é o amor romântico e as atitudes gentis de um cavalheiro paternalista, maior é a sua aceitação nas crenças da violência doméstica.

Apesar de não ser nosso objectivo, observámos ainda, que quanto maior o grau de religiosidade do participante, maior o sexismo benevolente e o cavalheirismo paternalista nessa pessoa. No entanto, consideramos importante avaliar esta dimensão em função da religião dos participantes em estudos futuros. Outra variável a ter em conta para estudos futuramente são os valores. Consideramos que a dimensão individualista *vs.* colectivista de Hofstede (1980, *cit. in* Pina e Cunha & Rego, 2009) poderá contribuir para uma melhor compreensão. Esta dimensão avalia o peso da categorização social na percepção e comportamento intergrupos. A orientação de uma cultura que avalia a hierarquia social, legitima o sexismo (Lee, Pratto, & Li, 2007), na medida em que estabelece a desigualdade de género e esta correlaciona-se positivamente com a violência nos casais (Torres, Alonso & Romero, 2005). Apesar dos vários estudos que integram os valores culturais neste fenómeno (*e.g.* Formiga *et al.*, 2005), a questão continua em aberto. Ainda a propósito desta variável, é importante avaliar outra dimensão do quotidiano dos indivíduos. Por exemplo, no trabalho, comportamentos de assédio (Haas & Timmerman, 2010) ou de supervisão abusiva (Tepper, 2000) poderão ser preditores de uma cultura sexista e portanto contribuir para a resistência à mudança.

Relativamente à nossa amostra, observámos que não existem diferenças significativas em função do estado civil dos participantes. Mas, existem em relação ao género, às habilitações literárias e rendimentos. Características biográficas, que de acordo com vários estudos, surgem associadas à prevalência do sexismo e dos mitos. Neste ponto, apenas podemos hipotetizar com base em estudos *cross-cultural*

(*e.g.* Lee, Pratto & Li, 2007) que mostram que culturas de países em vias de desenvolvimento são mais sexistas do que em culturas de países desenvolvidos. Pelo que, sugerimos investigação que observe o efeito destas variáveis com a aceitação dos mitos e a resistência e à sua desmistificação. Em estudos futuros sugerimos uma amostra mais equilibrada em termos de número de participantes femininos *vs.* masculinos; é desejável que a amostra contenha um maior número de indivíduos com habilitações literárias mais altas, bem como rendimentos mais altos. Por outro lado, atendendo às características culturais é importante alargar o estudo a outras regiões do país.

Apesar dos estudos sobre as novas formas de sexismo contarem já com cerca de duas décadas e, terem incidido especialmente em países anglo-saxónicos, as investigações têm ainda um longo caminho a percorrer (Moya & Expósito, 2001). O sexismo ambivalente assenta sobre princípios da cognição social tais como a categorização, comparação e identidade associado à categoria de género. Em consequência, assistimos a fenómenos de preconceito e violência similares ao que ocorre para outras categorias sociais. Deste modo, entender as variáveis que a explicam é contribuir para medidas de intervenção mais eficazes.

De facto, a violência doméstica está associada a problemas graves de saúde física e mental (Paiva & Figueiredo, 2003), o que se traduz num impacto social e económico bastante negativo. Até há muito pouco tempo, a violência “entre paredes” era desvalorizada, deixando este fenómeno entregue às próprias famílias para gerirem.

Recordemos o ditado popular “entre marido e mulher não se mete a colher”. Porém, só há relativamente pouco tempo, países como Portugal (mais conservadores, laicos há pouco tempo, colectivistas) se interessam cientificamente pelo estudo desta problemática, considerando o fenómeno como de responsabilidade social. Apesar de proibido por lei, o sexismo permanece na sociedade, em todo o mundo, deixando contudo, de se apresentar directamente como discriminação à mulher, mas assumindo formas subtis, designadamente através do sexismo moderno (*e.g.*, Tougas *et al.*, 2005). Por outro lado, valorizam-se as crenças envolvidas no amor romântico, um estado de grande prazer e felicidade que, muitas vezes conduz à cegueira perante o lado opressor (oculto) do companheiro. Do mesmo modo, as atitudes gentis e atenciosas de um cavalheiro paternalista, conferem à mulher um sentimento de protecção e amor. Em consequência, a mulher aceita o sexismo benevolente por se sentir recompensada por isso. As consequências negativas da valorização do amor romântico e do cavalheirismo paternalista patente no sexismo ambivalente, traduzem-se na aceitação dos mitos da violência doméstica, o que leva à manutenção da própria violência (Giger *et al.*, 2011).

*But passion most dissembles, yet betrays,*

*Even by its darkness; as the blackest sky*

*Foretells the heaviest tempest.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Don Juan, B. (c. I, 73, *cit. in O Vermelho e o Negro* de Stendhal, ed. 2010, p.362)

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Igualdade de género na legislação nacional e na União Europeia. *Caderno prático para a integração da Igualdade de género na Cáritas em Portugal*. Acedido a 6 de Março de 2011 na Internet. Disponível em: [http://www.caritas.pt/ficheiros/cr/file/CadernoCaritas\\_Facsiculo%20VI.pdf](http://www.caritas.pt/ficheiros/cr/file/CadernoCaritas_Facsiculo%20VI.pdf).

Almeida, J. (1995) Feminino e Masculino. *Psicológica*, 1-2 (XIII),17-21.

Andrade, A. & Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3, 89-102.

Andrade, A. & Garcia, A. (2009a). Preditores da Satisfação Global em Relacionamentos Românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.

Aron & McLaughlin-Volpe (2001). Including Others in the Self: Extensions to Own and Partner's Group Memberships. *Cit. In Sedikides, C. & Brewer, B.M., Individual Self, Relational Self, Collective Self*. Psychology press, 89-106.

Belo, R., Gouveia, V., Raymundo, J. & Marques, C. (2005), Correlatos Valorativos do Sexismo Ambivalente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18 (1), 7-15.

Branden, N. (1988). A vision of romantic love. R. Sternberg e M. Barnes (eds.). *The Psychology of Love*, Yale, University, pp. 218-231.

Coker, A.L., Sanderson, M. Fadden, M. & Pirisi, L. (2000). Intimate partner violence and cervical neoplasia. *Journal of Women's Health on Gender Based Medicine*, 9, 15-1023.

Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, 13, 159-169.

Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de género. *Temas em Psicologia da SBP*, 12, 21, 119-126.

Formiga, N., Golveia, V. & Santos, M. (2002). Inventário de Sexismo Ambivalente: Sua Adaptação e Relação com o Género. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 7(1), 103-111.

Formiga, N., Vitória, D., Miranda, M., Moura, G., Araújo, J. & Lima, C. (2005). Variações normativas na explicação do sexismo ambivalente: Explicando o sexismo hostil e benévolo baseados nos valores humanos. *Revista Eletrónica de*

*Psicologia*, 1-14. Acedido a 2 de Dezembro de 2010. Disponível em:  
<http://www.psicologia.com.pt>.

Formiga, N. (2007). Valores Humanos e Sexismo Ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19 (2), 381-396, Jul./Dez. 2007.

Giffin, K. (1994). Gender Violence, Sexuality and Health. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 10 (1), 146-155, 1994.

Giger, J.-C., Gonçalves, G., Retichow, P., & Pochwetico, G. (2011). *Ambivalent Sexism domestic violence myths acceptance and romantic love as efectors impeding the recognition of early signs of dating violence. (in progress)*.

Glick, P., Diebold, Bailey-Warner & Zhu (1995). The two faces of Adam: Ambivalent sexism and polarized attitudes toward womem. (*Unpublished manuscript*).

Glick, P., & Fiske, T. (1996). The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491–512.

Glick, P., & Fiske, T. (1999). The Ambivalence toward Men Inventory: Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 519-536.

Glick, P., Fiske, S., Mladinic, A., Saiz, J., Abrams, D., Masser, B., Adetoun, B., Osagie, J., Akande, A., Alao, A., Brunner, A., Willemsen, T., Chipeta, K., Dardenne, B., Disjksterhuis, A., Wigboldus, D., Eckes, T., Six-Materna, I., Expósito, F., Moya, M., Foddy, M., Kim, H., Lameiras, M., Sotelo, M., Mucchi-Faina, A., Romani, M., Sakalli, N., Udegbe, B., Yamamoto, M., Ui, M., Ferreira & M., López, L. (2000). Beyond Prejudice as Simple Antipathy: Hostile and Benevolent Sexism Across Cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79 (5), 763-765.

Glick, P. & Fiske, T. (2001). Ambivalent sexism. ZANNA, M. P. (Ed.). *Advances in experimental social psychology*, Thousand Oaks (CA): *Academic Press*, 33, 115-188.

Goethe, W. *A Paixão do Jovem Werther, O Conto da Serpente Verde e Novela cit. in* Barrento, J. (1998), *Obras Escolhidas de Goethe*. Lisboa: Relógio D'Água, 1, 43.

Gonçalves, G., Santos, J., Vasconcelos, P., Vieira, F., Giger, J.-C. (2010). *Medir o Sexismo Ambivalente: Contribuir para a adaptação Portuguesa da escala ASI* (Glick & Fiske, 1996). (in progress).

Guerra, V., Gouveia, V., Pessoa, V., Rivera, G. & Filho, M. (2004) Inventário de ambivalência em relação aos homens: adaptação brasileira e relação com o género. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (2), 47-61.

Haas, S. & Timmerman, G. (2010). Sexual harassment in the context of double male dominance. *Psychology Press, European Journal of Work and Organizational Psychology*, 19 (6), 717-734.

Heise, L. (1994). Gender – based Abuse: The Global Epidemic. *Cad. Saúde Pública*. 10 (1), 135-145.

Jackson, M., Esses, V. & Burris, C. (2001). Contemporary Sexism and Discrimination: The Importance of Respect for Men and Women, *Society for Personality and Social Psychology*, 27, (1), 48-61.

Knox, D. H., & Sporkowski, M. J. (1968). Attitudes of college students toward love.

*Journal of Marriage & the Family*, 30, 638-642.

Lee, I., Pratto, F. & Li, M.- C. (2007). Social Relationships and Sexism in the United

States and Taiwan. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38, 595.

Leiva, P., Torrico, E. & Navarro, Y. (2007). El sexismo ambivalente: un predictor del

maltrato? *Boletín Electrónico de Psicología Jurídica y Forense*, 29. Acedido a

12 de Março, 2011. Disponível em: <http://psicologiajuridica.org/psj2.html>.

Moya, M. & Expósito, F. (2001). Nuevas Formas, Viejos Intereses: Neosexismo en

Varones Españoles. *Psicothema*, 13 (4), 643-649.

Moya. M, Páez, D., Glick, P. & Poeschl, G. (2007). Sexismo, Masculinidad –

Feminidad y Factores Culturales. *Revista Electrónica de Motivacion e Emocion*,

4,8-9.

Narciso, I. e Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Coisas de ler.

Lisboa:2009

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no Contexto do Relacionamento Intimo com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2003, 4(2), 165-184.

Pereira, F. & Veríssimo, J. (2002). A Mulher na Publicidade e os Estereótipos de Género. *Observatorio Journal*, 5, 281-296.

Peters, J. (2003). *The Domestic Violence Myth Acceptance Scale: Development and Psychometric Testing of a new instrument*. University of Maine. Maio, 2003.

Peters, J. (2008). Measuring Myths about Domestic Violence: Development and Initial Validation of the Domestic Violence Myth Acceptance Scale. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 16, 1 - 21 .

Pina e Cunha & Rego, A. (2009). *Manual Gestão Transcultural de Recursos Humanos*. RH Editora, 1ªed. 2009.

Ribeiro, J. & Leal, I. (1996). Psicologia clínica da saúde. *Análise Psicológica*, 4 (XIV), 589-599.

Samson, A. (2010). *A Violência Doméstica*. Plátano Editora, S.A., Maio 2010.

Santos, J. & Gonçalves, G. (2010). Contribuição para a adaptação portuguesa da escala de orientação de Marketing Interno de Lings e Greenley (2005). *Psicologia: Organização e Trabalho*, 02 (in press).

Santos, J. & Gonçalves, G. (2010). Contribuição para a adaptação portuguesa da escala de percepção de suporte organizacional de Eisenberger (1986). *Revista Laboratório de Psicologia*, 8 (2), 213-223.

Silva, C. (2008). *Caminhando entre passos tradicionais e modernos: um olhar sobre a satisfação conjugal*. Dissertação de Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Solomon, R. (1990). Love: Emotion, Myth and Metaphor. *Prometheus Books*, p. 347.

Stendhal (1830). *O Vermelho e o Negro*. Trad. de Marinho, J., Lisboa: Relógio D'Água Editores, Junho 2010.

Sternberg, R., (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, 313-335.

- Torres, C., Alonso, V. & Romero, F. (2005). Perfiles de Sexismo en la Ciudad de México: Validación del Cuestionario de Medición del Sexismo Ambivalente. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 10 (2), 381-395.
- Tepper, B. (2000). Consequences of Abusive supervision. *Academy of Management Journal*, 43 (2), 178-190.
- Tougas, F., Brown, R., Beaton, A.M., & Joly, S. (1995). Neo-sexism: Plus ça change, plus c'est pareil. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 842-849.
- Vaisberg, T. (2001). A função social da Psicologia Clínica na contemporaneidade. Conferência de Abertura do I Congresso de Psicologia Clínica, 14/18 Maio, 2001, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- Valor-Segura, Expósito & Moya (2008). Atribución del comportamiento del agresor e consejo a la víctima en un caso de violencia doméstica. *Revista de Psicología Social*, 23 (2), 171-180.
- Vidal, C. & Browaeys, D.B. (2006). Cérebro, Sexo & Poder. Caleidoscópio SA, ed. 2006.
- Viki, G., Abrams, D. & Hutchison, P. (2003). The "True" Romantic: Benevolent Sexism and Paternalistic Chivalry, *SexRoles*, 49 (9/10), November, 2003.

Winter, D., Duncan, J. & Summerfield, E. (2008). Love Hurts: Explorations of Love, Validation, and Conflict. *Personal Construct Theory and Practice*, 5, 2008.

# **ANEXOS**

### **Termo de Responsabilidade**

1. Este trabalho é de nossa inteira responsabilidade. Não usámos palavras, ideias, nem instrumentos de medida de outros autores, publicados ou não publicados, sem termos devidamente referenciado tais trabalhos.
2. Neste estudo, os direitos dos sujeitos, quer humanos, quer animais, foram respeitados. Todos os participantes foram informados sobre o objectivo da investigação e aceitaram participar. Os dados recolhidos são anónimos.
3. Os dados recolhidos serão arquivados durante um período de cinco anos e estarão disponíveis aos investigadores interessados durante esse tempo.

Faro, 31 de Maio, 2011

---

(Ana Afonso Guerreiro)

## Anexo 2: Instrumento final

## VERSÃO A

Este questionário insere-se num projecto de investigação, no âmbito do mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Pretendemos com este estudo avaliar os processos associados às relações interpessoais.

Não existem respostas certas ou erradas, pretendemos apenas saber a sua opinião. Deste modo, pedimos-lhe que seja sincero nas suas respostas.

O preenchimento do questionário tem a duração máxima de 15 minutos.

Salientamos ainda, que a sua colaboração deverá ser voluntária e que poderá interromper se assim o entender. Os dados obtidos neste questionário são anónimos e confidenciais, pelo que não terá de se identificar.

No final do preenchimento estaremos disponíveis para qualquer esclarecimento sobre a investigação.

### Obrigado pela sua colaboração

#### I

- |    |                                       |                         |                          |                       |                          |
|----|---------------------------------------|-------------------------|--------------------------|-----------------------|--------------------------|
| 1. | <b>Género</b>                         | Feminino                | <input type="checkbox"/> | Masculino             | <input type="checkbox"/> |
| 2. | <b>Idade</b>                          | _____                   |                          |                       |                          |
| 3. | <b>Estado Civil</b>                   | Solteiro(a)             | <input type="checkbox"/> | Relacionamento íntimo | <input type="checkbox"/> |
|    |                                       | Casado(a)               | <input type="checkbox"/> |                       |                          |
|    |                                       | União de Facto          | <input type="checkbox"/> |                       |                          |
|    |                                       | Outro                   | _____                    |                       |                          |
| 4. | <b>Habilitações Literárias</b>        | _____                   |                          |                       |                          |
| 5. | <b>É natural de (região)</b>          | _____                   |                          |                       |                          |
| 6. | <b>Profissão</b>                      | _____                   |                          |                       |                          |
| 7. | <b>Rendimentos Económicos Mensais</b> | Dependente              |                          |                       | <input type="checkbox"/> |
|    |                                       | Inferior a 500 Euros    |                          |                       | <input type="checkbox"/> |
|    |                                       | Entre 500 e 1000 Euros  |                          |                       | <input type="checkbox"/> |
|    |                                       | Entre 1000 e 2000 Euros |                          |                       | <input type="checkbox"/> |
|    |                                       | Entre 2000 e 3000 Euros |                          |                       | <input type="checkbox"/> |
|    |                                       | Mais de 3000 Euros      |                          |                       | <input type="checkbox"/> |

#### II

Instruções: Assinale o algarismo que melhor traduz o grau em que se considera religioso.

Considere uma escala crescente de 1 (nada religioso) a 6 (totalmente religioso).

2.1. Em que medida se considera Religioso(a)?

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
Nada religioso(a)					Totalmente Religioso(a)

## III

**Instruções:** Assinale o algarismo que melhor traduz a sua opinião. Considere uma escala crescente de 1 (discordo totalmente)

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
3.1. Depende do homem decidir onde é que o casal irá jantar fora.	1	2	3	4	5
3.2. É inapropriado, uma mulher tomar algum tipo de iniciativa sexual para com um homem.	1	2	3	4	5
3.3. Durante uma saída romântica, o homem deve puxar a cadeira para a mulher se sentar.	1	2	3	4	5
3.4. São os homens e não as mulheres quem devem dar o primeiro passo no sentido de terem relações sexuais.	1	2	3	4	5
3.5. Espera-se que seja o homem a pagar a conta, numa primeira saída romântica.	1	2	3	4	5
3.6. Uma mulher não deve deixar transparecer que quer dormir com o homem.	1	2	3	4	5
3.7. Um cavalheiro abre as portas a uma mulher quando saem juntos.	1	2	3	4	5
3.8. Uma mulher não deve beijar um homem, a não ser que o homem já a tenha beijado.	1	2	3	4	5
3.9. É o homem quem deve convidar a mulher para sair.	1	2	3	4	5
3.10. Compete ao homem tomar a iniciativa no sentido de ter relações sexuais com a mulher.	1	2	3	4	5
3.11. É responsabilidade do homem assegurar que a mulher se diverte durante o encontro.	1	2	3	4	5
3.12. Não se espera que seja a mulher a pagar num primeiro encontro.	1	2	3	4	5
3.13. É inapropriado que seja a mulher a primeira a beijar numa saída romântica.	1	2	3	4	5
3.14. Durante uma saída romântica, o homem deve proteger a mulher se ela estiver a ser assediada por outro homem.	1	2	3	4	5
3.15. É o homem que deve iniciar o contacto sexual com a mulher.	1	2	3	4	5
3.16. Não é correcto a mulher beijar o homem primeiro.	1	2	3	4	5

## IV

4. *Instruções:* Assinale o algarismo que melhor traduz a sua opinião. Considere uma escala crescente de 1 (discordo fortemente) a 6 (concordo fortemente).

	Discordo Fortemente					Concordo Fortemente
4.1. Independentemente quão acompanhado um homem esteja, ele nunca está completo até que ame uma mulher.	1	2	3	4	5	6
4.2. Muitas mulheres actualmente procuram favores especiais, como as políticas de emprego que as favorecem perante os homens, sob o ideal de pedirem igualdade.	1	2	3	4	5	6
4.3. Num desastre, devem socorrer-se as mulheres antes dos homens.	1	2	3	4	5	6
4.4. A maior parte das mulheres, interpreta comentários inocentes como sendo comentários sexistas.	1	2	3	4	5	6
4.5. As mulheres ofendem-se muito facilmente.	1	2	3	4	5	6
4.6. As pessoas nunca estão verdadeiramente felizes na vida sem que estejam romanticamente envolvidas com uma pessoa do sexo oposto.	1	2	3	4	5	6
4.7. As feministas tentam que as mulheres alcancem mais poder que os homens.	1	2	3	4	5	6
4.8. Muitas mulheres têm uma qualidade de pureza que poucos homens possuem.	1	2	3	4	5	6
4.9. As mulheres deviam ser acarinhadas e protegidas pelos homens	1	2	3	4	5	6
4.10. Muitas mulheres não apreciam verdadeiramente tudo aquilo que os homens fazem por elas.	1	2	3	4	5	6
4.11. As mulheres procuram ganhar o poder através do domínio dos homens.	1	2	3	4	5	6
4.12. Todos os homens devem ter uma mulher que adorem.	1	2	3	4	5	6
4.13. Os homens estão incompletos sem as mulheres.	1	2	3	4	5	6
4.14. As mulheres exageram os problemas que têm no emprego.	1	2	3	4	5	6

	<b>Discordo Fortemente</b>					<b>Concordo Fortemente</b>
<b>4.15.</b> Assim que uma mulher consegue que um homem se comprometa, geralmente procura pôr-lhe «rédea curta».	1	2	3	4	5	6
<b>4.16.</b> Quando as mulheres perdem com um homem numa competição justa, elas, tipicamente, queixam-se de serem alvos de discriminação.	1	2	3	4	5	6
<b>4.17.</b> Uma boa mulher deveria ser colocada num pedestal pelo seu homem.	1	2	3	4	5	6
<b>4.18.</b> Muitas mulheres conseguem um «pontapé de saída» provocando os homens, mostrando-se sexualmente disponíveis, e depois recusando os seus avanços.	1	2	3	4	5	6
<b>4.19.</b> As mulheres comparativamente aos homens, tendem a ter uma sensibilidade moral superior.	1	2	3	4	5	6
<b>4.20.</b> Os homens devem estar na disposição de sacrificar o seu próprio bem-estar, de forma a sustentarem financeiramente a mulher.	1	2	3	4	5	6
<b>4.21.</b> As feministas fazem exigências pouco razoáveis aos homens.	1	2	3	4	5	6
<b>4.22.</b> As mulheres, comparativamente com os homens, tendem a ter um sentido de cultura e gosto mais refinados.	1	2	3	4	5	6

## V

5. **Instruções:** Assinale o algarismo que melhor traduz a sua opinião. Considere uma escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
5.1. O amor não faz sentido. Simplesmente é.	1	2	3	4	5
5.2. Quando ficas perdidamente apaixonado(a), é com certeza amor.	1	2	3	4	5
5.3. Apaixonar-se por alguém com quem se gostaria de casar mas que não pode, é uma tragédia.	1	2	3	4	5
5.4. Quando o amor bate à tua porta, percebes logo.	1	2	3	4	5
5.5. Interesses em comum não são importantes, desde que estejas completamente apaixonado(a), ajustas-te.	1	2	3	4	5
5.6. Não é importante se te casas mesmo conhecendo o teu parceiro(a) por apenas um curto período de tempo, desde que saibas que estás apaixonado(a).	1	2	3	4	5
5.7. Se vais amar uma pessoa, saberás em pouco tempo.	1	2	3	4	5
5.8. Desde que duas pessoas se amem, as diferenças na educação que tiveram, não interessam.	1	2	3	4	5
5.9. Podes amar alguém, mesmo que não gostes de nenhum dos seus amigos.	1	2	3	4	5
5.10. Quando estás apaixonado(a), ficas naturalmente inebriado(a) o tempo todo.	1	2	3	4	5
5.11. O amor à primeira vista é frequentemente o amor mais profundo e duradouro.	1	2	3	4	5
5.12. Quando estás apaixonado(a), não importa o que o teu parceiro(a) faz, pois vais amá-lo(a) de qualquer maneira.	1	2	3	4	5
5.13. Enquanto realmente amares uma pessoa, serás capaz de resolver os problemas que tiveres com ela.	1	2	3	4	5
5.14. É normal que possas realmente amar e ser feliz apenas com uma ou duas pessoas no mundo.	1	2	3	4	5
5.15. Independentemente de outros factores, se realmente amas uma pessoa, essa é uma razão mais do que suficiente para te casares com ela.	1	2	3	4	5

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
<b>5.16.</b> Temos que estar apaixonados pela pessoa com quem nos casamos para sermos felizes.	1	2	3	4	5
<b>5.17.</b> O amor é mais um sentimento do que uma relação.	1	2	3	4	5
<b>5.18.</b> As pessoas não se devem casar, a não ser que estejam apaixonadas.	1	2	3	4	5
<b>5.19.</b> A maioria das pessoas só ama verdadeiramente alguém uma vez nas suas vidas.	1	2	3	4	5
<b>5.20.</b> Algures há uma pessoa ideal para a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5
<b>5.21.</b> Na maioria dos casos, sabe-se quando se conhece o parceiro(a) ideal.	1	2	3	4	5
<b>5.22.</b> Normalmente o ciúme é proporcional ao amor; ou seja, quanto mais se ama alguém, mais ciumento(a) se é em relação a essa pessoa.	1	2	3	4	5
<b>5.23.</b> Quando estás apaixonado(a), estás mais motivado(a) pelo que sentes do que pelo que pensas.	1	2	3	4	5
<b>5.24.</b> O amor é mais descrito como algo excitante do que como algo calmo.	1	2	3	4	5
<b>5.25.</b> A maioria dos divórcios é consequência do facto de deixar de estar apaixonado(a), e não da incapacidade de ambos se ajustarem.	1	2	3	4	5
<b>5.26.</b> Quando estás apaixonado(a), normalmente a tua capacidade de análise não está muito clara.	1	2	3	4	5
<b>5.27.</b> Frequentemente, o amor só aparece uma vez na vida.	1	2	3	4	5
<b>5.28.</b> O amor é, frequentemente, uma emoção violenta e incontrolável.	1	2	3	4	5
<b>5.29.</b> Ao escolher um parceiro(a) para casamento, as diferenças sociais e religiosas têm pouca importância quando comparadas com o amor.	1	2	3	4	5
<b>5.30.</b> Independentemente do que digam, o amor não pode ser compreendido.	1	2	3	4	5

## VI

6. **Instruções:** Assinale o algarismo que melhor traduz a sua opinião. Considere uma escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
6.1. A violência doméstica não afecta muita gente.	1	2	3	4	5
6.2. Quando um homem é violento é porque perdeu o controlo do seu temperamento.	1	2	3	4	5
6.3. Se uma mulher continua a viver com um homem que lhe bate, então a culpa é dela se ele lhe bater outra vez.	1	2	3	4	5
6.4. Fazer ciúmes a um homem é «estar a pedi-las».	1	2	3	4	5
6.5. Algumas mulheres querem inconscientemente que os seus parceiros as controlem.	1	2	3	4	5
6.6. Muita da violência doméstica ocorre porque a mulher insiste em discutir coisas com os seus parceiros.	1	2	3	4	5
6.7. Se uma mulher não gostar, pode partir.	1	2	3	4	5
6.8. A maioria da violência doméstica envolve violência mútua entre os parceiros.	1	2	3	4	5
6.9. Os homens violentos perdem o controlo de tal maneira que não sabem aquilo que fazem.	1	2	3	4	5
6.10. Detesto dizer isto, mas se uma mulher continua com o homem que a violentou é porque ela merece o que tem.	1	2	3	4	5
6.11. A violência doméstica raramente acontece no meu bairro.	1	2	3	4	5
6.12. As mulheres que fazem jogos de sedução estão a <i>pedi-las</i> .	1	2	3	4	5
6.13. As mulheres podem evitar a agressão física se souberem ceder em certas ocasiões.	1	2	3	4	5
6.14. Muitas mulheres têm o desejo inconsciente de serem dominadas pelos seus parceiros.	1	2	3	4	5
6.15. A violência doméstica resulta de uma perda momentânea de controlo.	1	2	3	4	5
6.16. Não consigo simpatizar com uma mulher maltratada que sistematicamente volta para quem a maltrata.	1	2	3	4	5
6.17. As mulheres provocam a maioria da violência doméstica.	1	2	3	4	5
6.18. Se uma mulher volta para o seu agressor, até que ponto isso se deve a algum aspecto do seu carácter?	1	2	3	4	5

## VII

7.1 Já alguma vez foi vítima de violência doméstica? **Sim**  **Não**

7.1.1. Se sim especifique o tipo

Física .....

Psicológica .....

Física e Psicológica .....

7.1.2. Quem foi o agressor (a)? ..... \_\_\_\_\_

7.2. Conhece algum caso de violência doméstica de pessoas próximas de si (familiares, amigos, etc.)? **Sim**  **Não**

**Muito Obrigado pela sua colaboração!**

Tabela 1. **Habilitações literárias por género (frequência e percentagem)**

Habilitações L.	Masculino	%	Feminino	%
1º e 2º ciclo básico	5	14.3%	2	2.6%
3º ciclo básico (9º ano)	7	20%	11	14.5%
Secundário (10º, 11º, 12º)	15	42.9%	51	67.1%
Ensino superior (1º e 2º ciclo)	11	22.9%	13	14.5%
Doutoramento	0	0	1	1.3%
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100%</b>	<b>76</b>	<b>100%</b>

Tabela 2. **Rendimentos por género (frequência e percentagem)**

Rendimentos (€)	Masculino	%	Feminino	%
Dependente	6	10.7%	28	22.4%
- 500	5	8.9%	25	20%
500-1000	22	38.6%	39	31.2%
1000-2000	16	28.1%	29	23.2%
2000-3000	3	5.3%	3	2.4%
+ 3000	4	7%	1	.8%
<b>Total</b>	<b>56</b>	<b>98.2%</b>	<b>125</b>	<b>100%</b>

